

A REGENERAÇÃO

Fundadores: Drs. José Martinho Simões, Manuel Simões Barreiros e Prof. João Antonio Semedo

AVENÇA

Propriedade de: **Dr. Alberto Teixeira Forte**
omposto e impresso na *Tipografia Figueirense*

Director: **Dr. Domingos Duarte**
Editor: **Dr. Alberto Teixeira Forte**

Redacção e Administração — Rua Major Neutel de Abreu
Figueiró dos Vinhos

JUSTA HOMENAGEM

HA-DE parecer estranho que homens a quem os progressos da medicina nada devem e as corporações científicas não registam os nomes, se vejam de um momento para o outro nas tubas da fama e sejam apregoados à curiosidade indígena como valores dentro da Medicina nacional. Há-de parecer estranho, mas compreende-se. A Medicina não deve a sua existência apenas aos investigadores, àqueles que por vezes fazem sacrifícios para que ela dê mais um passo no caminho do progresso. Deve muito mais aos divulgadores, àqueles que levam as experiências ao coração dos homens e com eles vivem a angústia duma tentativa frustrada ou a dúvida dum resultado incerto. O que lhes ensinam as Faculdades, o que lhes vem dos laboratórios, o que lhes é dado através duma constante leitura e duma actualização de conhecimentos, é levado por eles aos que sofrem com a inquietação das esperanças que iludem ou com a expectativa das surpresas que desenganam.

pelo **Dr. Joaquim Pacheco Neves**

Mais do que os próprios doentes, eles vivem por vezes o pavor dum fracasso ou o receio duma dúvida quando tentam uma nova medicação ou ensaiam uma nova análise. Mais do que a família, eles temem a responsabilidade dum desenlace quando o prognóstico se povoa de sombras e as claridades se perdem. Mais do que ninguém, eles sentem as angústias que se aproximam e as incertezas que enganam, quando ainda elas parecem demasiado longe e tudo se mostra com a calma sonolenta das águas paradas. No seu espírito, aos problemas da terapêutica, da curabilidade, da possível invalidez ou até da sobrevivência do doente, pode juntar-se o problema moral duma família ao desamparo ou o problema espiritual duma alma que não se aproxima

Continuação na 2ª página

Natal Cristão

O Natal e a Paixão são os símbolos maiores da passagem do Filho de Deus pela terra, na peregrinação de trinta e três anos.

Figura máxima da religião, Jesus evangelizou a verdade para nos redimir do pecado público. Gerador divino da oração, o Mestre impôs-se ao paganismo usando da palma do martírio. Desde a confirmação da Sua sentença de morte, proclamada da varanda de Pilatos, até à subida do Calvário, o Filho de Deus expiou os erros da Humanidade para se purificar em Beleza.

A atmosfera de Quinta-feira e Sexta-feira Maiores só finda quando a aleluia dos sinos anuncia de igreja para igreja, de ermida para ermida, de campanário para campanário, o insondável mistério do Golgotha.

É o dia de Natal, 25 de Dezembro, dia festivo para todas as famílias que ao calor da lareira recordam o passado e rezam pelo futuro.

Dia em que se arma o Presépio e em que se aviva a lição de Jesus, nele se cantam hosanas e a todos, no íntimo da alma, em meditação cristã, se desejam Boas-Festas.

D. Ester Ramos Martinho Simões

No dia 5 do corrente faleceu em Lisboa na sua residência a sr.ª D. Ester Ramos Martinho Simões. Era viúva do saudoso dr. José Martinho Simões, um dos fundadores deste jornal, distinto advogado e Director Geral de Administração Política e Civil do Ministério do Interior.

A ilustre Senhora era natural de Coimbra, contava 70 anos de idade e era possuidora de excelsas virtudes a que aliava uma esmerada educação.

Era mãe amantíssima das sr.ªs Dr.ª D. Maria Helena Ramos Martinho Simões, Dr.ª D. Maria Alice Ramos Martinho Simões e D. Zélia Maria Ramos Martinho Simões e do sr. Fernando Luis Ramos Martinho Simões, cunhada do sr. Artur Martinho Simões nosso querido amigo e ilustre Chefe de Repartição da Direcção Geral de Administração Política e Civil, e sogra dos srs. drs. António do Carmo Machado e José Gentil Pires da Silva.

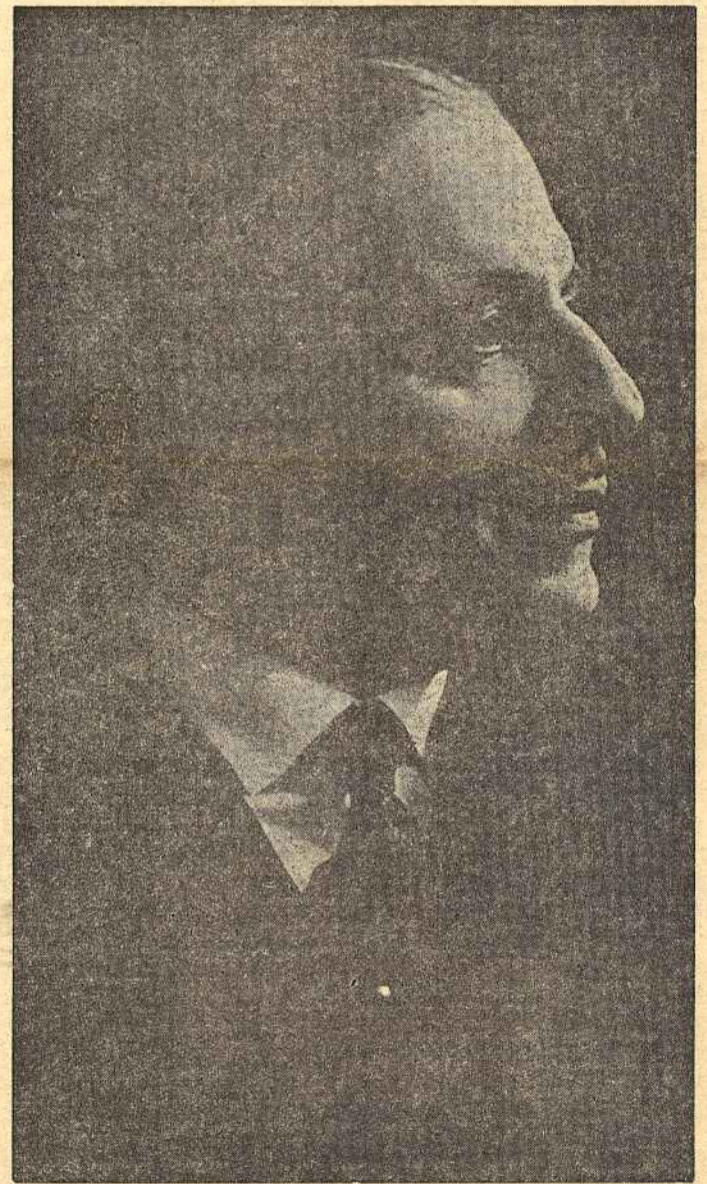
O seu funeral teve lugar no dia imediato para o cemitério dos Prazeres, naquela cidade, para jazigo de família, e foi uma demonstração de profundo pesar pela extinta.

«A Regeneração» muito sinceramente apresenta a toda a ilustre família da saudosa Senhora a expressão sentida das suas condolências

HOMIENAGEM

AO EMINENTE PROFESSOR

Doutor Bissaya Barreto



Por deliberação unânime da Mesa da Santa Casa de Misericórdia de Castanheira de Pera, em sessão ordinária do corrente mês, foi proclamado sócio benemérito desta Instituição o Ex.º Sr. Professor Doutor Fernando Baeta Bissaya Barreto Rosa.

Deste modo, Castanheira de Pera testemunhou a Sua Excelência profundo agradecimento pelos altos benefícios por ele prestados à sua terra natal e em especial pelo interesse tão vivamente demonstrado pelo eminente homem de ciência na construção do novo hospital *Visconde de Nova Granada*, de cuja Comissão Executiva é mui digno Presidente.

Justa e merecida homenagem prestou assim Castanheira de Pera ao seu filho tão ilustre e mundialmente conhecido, não só como insigne homem de ciência, mas também como incansável realizador da obra de assistência que não tem par na história do nosso País.

Tudo se torna incerto quando se destrói ou fere, mesmo ao de leve, o prestígio da verdade.

Santo Agostinho

O Problema...

No n.º 851 deste jornal, ao abordarmos o problema da luz, referimo-nos ao facto de ela ser por vezes tão fraca que não nos permite trabalhar nos nossos escritórios

Er' assim, na verdade, à data da publicação daquele número (1 de Maio do corrente ano)

Decorreram já 6 meses e é de lamentar que a situação se mantenha a mesma

Haverá alguém que conteste que ultimamente a certas horas é praticamente impossível trabalharmos nos nossos escritórios com a energia de intensidade tão diminuta e irregular, que nos é fornecida pela Empresa Hidro-Eléctrica de Figueiró dos Vinhos e a qual pagamos a esta pelo preço único de 2\$50 cada Kwh?!. . . Se houver, inclusive o sr. Gerente da Empresa, as nossas colunas continuam ao dispor de todos, para nos convencerem que erramos. Mas se a verdade está do nosso lado, como em contrário ainda não foi demonstrado vai sendo tempo para que o problema seja resolvido por quem de direito e que superintende na referida Empresa. É caso para dizermos: Venham ver isto.

...da Luz

GARRETT

Mestre de Portugalidade

As comemorações nacionais do centenário de Almeida Garrett têm dado oportunidade a admiráveis manifestações de fé patriótica nos destinos do espírito civilizador de um país, cuja contribuição para a grandeza soberana do primado intelectual da Europa não pode nunca ser-lhe contestada.

Na semana passada Garrett teve a sua eloquente consagração

Uma Carta

Ex.^{mo} Sr.

Director de *A Regeneração*

Soube que, em Campelo, correu certo «boato», de âmbito restrito e limitado, acerca do motivo literário—UM CONTO—DE 150 CONTOS—, que mandei publicar nesse Jornal.

Confesso que me eram estranhos os motivos que originaram o correr da «balela», que, segundo consta, resultou do facto de ter havido alguém de cérebro sonhador, por certo, que se lembrou de «chocalhar» que o «Conto» dizia respeito a determinado indivíduo.

Ora, como se recordará, Senhor Director, na minha carta, que acompanhou o dito trabalho literário, declarei a V. Ex.^a que tanto o assunto como as personagens do «Conto» eram inventados, hipotéticos, fictícios, irreais e se não referiam a pessoa alguma.

Porque de facto assim era, e é, e nem sequer houve, por meu lado, o propósito de atingir alguém, não me ocorreu solicitar a publicação (juntamente com o «Conto») do aludido esclarecimento que, por escrito, na mesma data dei a V. Ex.^a.

Pois bem. Para prevenir contra quaisquer propósitos ou tendenciosas especulações, sejam de quem for, acerca daquele trabalho literário, venho pedir, Senhor Director, se digne fazer inserir em o número de «A Regeneração» do próximo dia 15, esta carta, pois assim publicamente também desejo dar a conhecer os meus esclarecimentos de então, a que me refiro de novo, para devido esclarecimento do assunto.

E, tal como se deduz e compreende dos esclarecimentos que, em devido tempo, deu a V. Ex.^a, mais explicitamente declarou o autor que toda e qualquer relação ligação ou semelhança que o seu «Conto» possa ter, com casos ou pessoas reais, é mera coincidência, pois não teve, de facto, o propósito de, por qualquer forma, alvejar quem quer que fosse.

O autor,

Akhenaton

3 de Dezembro de 1954

A palavra de Portugal

Continuação da 4.^a página

ou realmente, pequenas potências que a sua grandeza esmague».

Abordando o problema religioso na Índia, Salazar exaltou o papel de Goa na difusão da Fé e lamentou que a União Indiana pretenda fazer política com a religião e que a «Propaganda Fide» mostre a sua má vontade contra Portugal ao mesmo tempo que, de acordo com alguns católicos progressistas, dá a não a nacionalismos exaltados ou baptiza os comunistas.

No capítulo sobre «Goa e nós próprios» o Chefe do Governo mostrou como se têm feito todos os esforços para negociar no que é possível negociar, — excluía toda a matéria respeitante a soberania, — e como a União tudo tem recusado seja por dilatação ou por deturpação.

Depois de demonstrar que Goa nem representa colonialismo nem anacronismo, Salazar afirmou que tratando-se de um problema que só a Goa e a Portugal diz respeito, o novo Estatuto que neste momento se apronta deve permitir que se intensifique e desenvolva a colaboração de todos os valores de Goa, como é desejo de todos os portugueses.

Finalmente, Salazar tratou de «Goa e o futuro» para acentuar que «conscientes do direito e indissolúvelmente ligados àquela pequena comunidade por 450 anos de história, pelos laços do sangue e pela cultura que ali levámos somos livres e estamos prontos a negociar mas não podemos ceder sobre a soberania portuguesa», acrescentando a terminar:

«Entretanto em duas coisas essencialmente nos temos de apoiar e delas não podemos desprender-nos — força e paciência: força suficiente para que uma pseudo-acção policial não possa ser-nos imposta: paciência que não se altere com a impaciência inimiga e dura tanto pelo menos como a sua pertinácia. Para tanto, precisamos de não nos exceder no nosso próprio esforço, cuidando antes de o manter sempre proporcionado à capacidade normal da Nação.

E se apesar de tudo a União Indiana levar a guerra ao pequeno território o que podem fazer as forças que ali se encontram ou vierem a ser concentradas? Bater-se — lutar, não no limite das possibilidades mas além do impossível.

Devemos isso a nós próprios — a Goa a civilização do Ocidente ao Mundo ainda que este se sorria compadecidamente de nós. Depois de afagar as pedras das fortalezas de Dio ou de Damão, orar na igreja do Bom Jesus abraçar os pés do apóstolo das Índias, todo o português pode combater até ao último extremo contra dez ou contra mil com a consciência de cumprir apenas um dever. Nem o caso seria novo nos anais da Índia.»

Justa Homenagem

Continuação da 1.^a página

mou a tempo de Deus. Eles têm de ser os conselheiros prudentes, os amigos desvelados, os juizes intransigentes e carinhosos. O que eles sabem e por vezes lhes custou uma aprendizagem difícil e demorada, pouco ou nada vale em frente do muito que se lhes pede. Os casos sem solução repetem-se e querem no geral mais compreensão que terapêutica. Fazer esquecer, por exemplo, aquele que lá cumpriu um destino que o fim está próximo, é missão que o médico tem de desempenhar, embora o faça alanceado por uma infinita amargura e não consiga vencer a sua profunda tristeza.

E' sobretudo no médico rural que recai todo o peso do drama que se representa na morte. A luta que ele travou enquanto a doença se manteve, as ilusões que viveu, as esperanças que transmitiu, e o desespero que sofreu quando o fim se anunciou, são momentos dum drama onde perpassa o fio duma tragédia e a elevada expressão duma angústia. Se a indiferença não fechou o seu espírito à dor alheia, o médico vive num mundo de sofrimentos e dá-se de cada vez que lhe pedem uma palavra de esperança ou lhe solicitam a cura dum mal. Os sacrifícios que faz, as renúncias que pratica, o bem

que espalha às mãos cheias, se nem sempre são compreendidos ou tomados na medida exacta do acto que realiza, nem por isso deixam de ser fecundos e terem uma expressão que se pode traduzir por um grande amor ao próximo. A caridade, no que ela exprime de abdicção pessoal e dádiva humana, tem o seu mais elevado significado quando o médico se aproxima do doente, lhe estende a mão e diz com os olhos nos olhos: Vem! que caminharei a teu lado.

Pois foi por terem caminhado ao lado de muitos doentes durante tantos anos que se prestou a homenagem a três dos nossos colegas. Ora enxugando lágrimas, ora consolando tristezas, ora derramando esperanças, eles deram as suas vidas a servir os que sofrem, sem procurarem glórias, nem gozarem prazeres, nem ajuntarem fortuna. Modestamente, nas sombras discretas dum recolhido silêncio, seguiram por caminhos difíceis, sem que alguém os amparasse quando o trilho se tornava mais áspero, ou o terreno mais resvaladiço. Quando a descrença os abatia ou a desilusão os amargurava, outros braços se erguiam a pedir uma ajuda e outras vozes se levantaram a mendigar um amparo. Por vezes algumas lágrimas lhe caíram nas mãos dadas e um sorriso de gratidão lhes aqueceu o espírito cansado. Mas quantas invejas os não teriam mordido, quantas injustiças os não teriam amargurado e quantos maus juízos os não teriam envolvido com a calúnia feia duma ruindade má?

A homenagem que acaba de ser prestada a três dos nossos colegas, se exprime um alto apreço pelas qualidades pessoais de cada um, significa também que na Medicina alguma coisa há de imperecível e grande. A vida dos homens, mesmo daqueles que não deram a humanidade a força da sua dedicação ou o fulgor da sua inteligência, se vale pelo bem que espalharam e pela felicidade que deram, também se representa pelo amor que mostraram. E' esse amor que dá à profissão do médico a sua grandeza e a envolve um halo que os outros homens respeitam e justamente admiram. (De O Médico)

Estabelecimento

LANIGAL

Foi aberto recentemente ao público o estabelecimento Lanigal, de venda a retalho de artigos de malha, fazendas brancas, chapelaria, retrosaria, camisaria, etc., pertencente à firma Lanifícios de Portugal, L.da, desta vila. Situado na Praça do Brasil, numa parte do rés-do-chão do prédio do sr. dr. Joaquim Simões Cãnova, é um belo estabelecimento, com todos os requintes dos mais modernos estabelecimentos citadinos, onde a par de avultados stocks que possui, prima pelo bom gosto e a boa disposição dos artigos à venda.

A dita Casa honra sem dúvida o comércio local e valoriza sobremaneira esta terra, pelo que felicitamos a firma «Lanifícios de Portugal, L.da.»

CAMPELO...

(Continua da 4.^a página)

reside. Lá em cima... o Poder que preside a tudo e tudo ordena!...

Chegámos, finalmente, a Campelo. O nosso pensamento porém, está ainda nas serras e vales que admirámos, e nos fazem crer numa Lei universal que dirige o curso da Terra. Tudo, quanto contemplámos, é Obra, cremos, de um Poder superior. E, parafraseando João Baptista, mais diremos que essa Lei ou Espírito universal, que a tudo assiste, dá força e anima vem d'Ele — sim: Ele é Deus!...

Novembro de 1954.

José Manuel

Africa - Brasil - Venezuela
América do Norte
(e outros pontos do Mundo)

Agência de Turismo
"Santa Maria", L.da

vende passagens marítimas
e aéreas

Trata de Excursões
Passaportes e Vistos
(só para viajantes e estrangeiros)

Fotocópias e reproduções

Rua do Ouro, 292-1.^o
(Esquina do Rossio)
Telefone 28686 - LISBOA

na brilhantíssima sessão oficial, realizada no salão do Palácio da Foz, onde, perante a mais selecta assistência, se ouviu a lição de dois eminentes intelectuais: o Secretário Nacional da Informação e Acúrcio Pereira — mestre de jornalistas e distinto escritor.

O discurso do sr. dr. José Manuel da Costa pode e deve classificar-se como perfeito modelo de elegância e clareza, constituindo autêntico ensaio de pensador e debruçado sobre o ideário de um doutrinador que profundamente sentiu e soube reflectir.

No seu magistral trabalho o orador principiou por citar uma frase de Salazar proferida há 20 anos, sobre a missão do Secretariado para justificar a razão das comemorações garrettianas.

«Era fácil — disse — encontrar traços comuns entre ambas as figuras, tão diversas e ricas entre si, mas por igual ricas e complexas nas ideias e nos sentimentos com que sempre e acima de tudo serviram Portugal.»

E acrescentou:
«Garrett e Salazar — indico-os pela cronologia, aproximo e não comparo e desprendo-me de qualquer preocupação de escala de valores — sobrepõem-se um e outro ao seu tempo, aos vícios das respectivas épocas e até ao paralelismo dos homens seus contemporâneos por uma qualidade comum, sempre tão necessária, sempre tão rara nos grandes momentos de transformação ou de crise histórica entre nós: ambos são, estruturalmente, educadores — educadores activos e radicados em princípios irreduzíveis no plano religioso e no plano nacional — e porque o génio com que Deus os abençoou e os talentos que eles por si mesmos cultivaram no trabalho e no estudo, lhes definiram posições de vanguarda intelectual em seus próprios tempos, um e outro consagram suas predilecções à arte de formar homens e se impõem (com êxitos, aliás, bem diferenciados!) o trabalho glorioso e ingente de reeducar, em dois momentos igualmente críticos, a mesma esvaída Nação, avassalada por iguais desordens internas, e por semelhantes influências externas num e noutro período perigosamente dissolventes e des-nacionalizadores. E' ainda um Governo de Salazar que perflha e afixa como divisa, no pórtico do Ministério da Instrução Pública — que assim de tal passo se transmuda e informa de nova designação e de nova filosofia! — o conceito garrettiano da educação: «Nenhuma educação pode ser boa se não for eminentemente nacional». Salazar de si mesmo disse ser «um professor desterado na política que fez do Governo, sobretudo e apesar de tudo, um perfeito magistério».

Prosseguindo, o orador desenvolveu o tema esboçado através de várias citações de Garrett e Salazar, expressivas de pensamentos e fins no que se refere ao problema de educação nacional considerada na sua mais lata acepção.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

DE AGUDA

Na escola da Lomba da Casa, realizou-se no passado dia 5, uma interessante festa escolar.

Tratava-se da colocação na escola, do quadro de N.ª Sr.ª da Conceição

Houve missa na capela da Abreu-nheira, no fim da qual foi benzedo o quadro que foi depois levado em procissão para a escola de Lomba da Casa, da qual viera já em procissão também, no meio de cânticos da pequenada. Na capela cantaram também, mas na escola é que foi cantar e mais cantar.

Na escola é que foi a festa: uma recita das crianças ensaiadas pela sr.ª Professora. Foram poesias, diálogos, autos, muitos cânticos, etc.

A par de muito trabalho da sr.ª Professora, viu-se que nem só nas cidades se encontra quem saiba apresentar-se bem num palco. Nas aldeias, encontram-se também e de bom quilate.

Por fim falou o Prior da Freguesia, que gentilmente fora convidado para a festa. Disse que a pessoa humana não é só corpo; é também espírito, que deve ser cultivado cuidadosamente. Pensar só em comer, vestir, brincar e dormir, é vida animal.

É preciso cultivar o espírito pelas boas leituras. Assim como se não come de tudo, também se não deve ler de tudo; tem de haver escolha ponderada do que se lê. Terminou felicitando a sr.ª Professora pela linda festa que preparou, dando-lhe os parabéns, assim como aos pais das crianças e às mesmas crianças, que afinal, foram as primeiras a ganhar, pois festas assim, as desenvolvem imenso.

Falou em seguida o sr. António Pais, guarda-livros da cerâmica de Alfafels, que se mostrou entusiasmado com a festa, terminando por felicitar a sr.ª Professora, os povos servidos por aquela escola e as crianças que se exibiram na festa.

Em seguida, a sr.ª Professora deu saborosa merenda às crianças da escola, e aos convidados para a festa, entre os quais se encontrava o sr. Regedor da freguesia e outros professores da

freguesia também, foi servido um fino lanche.

Terminou a festa no meio de muitos vivas e cânticos das crianças.

Principiou a debandada, vendo-se no rosto de todos, a alegria das horas bem passadas ali, naquela Festa Escolar, na qual nem os foguetes faltaram.

É digno de louvor o espírito de bem servir, que anima a sr.ª Professora de Lomba da Casa.

Já na «Regeneração» foi dito que aquela Senhora, tomou sobre si o trabalho bem penoso de preparar para os exames da 3.ª e da 4.ª talvez, muitos adultos, que, sem aquele curso de ensino nocturno, não mais fariam tais exames. É digno de notar também que aquele curso é gratuito pois a sr.ª Professora não está à espera de receber coisa alguma nem do Estado nem dos alunos. Quem ensine assim, não se encontra facilmente.

É um grande benefício para os povos daqueles lugares, que, embora nem todos, o sabem apreciar e aproveitar.

Provavelmente deve ser privilégio único na vida; ao que parece é frequentado por uns 18 rapazes.

É provável que um ou outro ali não vá, por se envergonhar de, já homem feito, se ir agora sentar nos bancos da escola. Parece porém que nada de vergonhoso isso é; vergonhoso é, poder alguém aprender as letras e por falta de interesse ou por preguiça, preferir ficar analfabeto.

50

É o número do Telefone da fábrica do Pão de Ló de Santo António dos Milagres em

Figueiró dos Vinhos

LAGAR

Vende todos os acessórios do seu Lagar Antigo, Prensa Manual — Roda Hidráulica — Engrenagens — Barris e ceras. — Tudo ou em separado. — Aníbal Herdade.

Agenda do Contribuinte

Moedas antigas de 10\$00 (prata)—Circularam, somente, até 31 do mês corrente. Note-se bem.

Depois, isto é, em Janeiro próximo, todas as pessoas que possuírem ainda algumas, poderão trocar na Tesouraria da Fazenda Pública do concelho ou no Banco de Portugal.

Contribuições Gerais do Estado—Até 30 de Dezembro todos os contribuintes, que ainda o não fizeram, poderão pagar com os juros de mora devidos, as 3.ª e 4.ª prestações, já vencidas, respectivamente, em Julho e Outubro.

Taxa Militar—Sob pena de relaxe, poderão pagar ainda, até 31 deste mês as suas anuidades, elevadas ao dobro, todos os interessados, que o não fizeram nos meses de Abril e Maio do corrente ano.

Obrigações Camarárias, no mês de Dezembro—Renovação de licenças de uso e porte de arma de caça e solicitação de licenças policiais para tabernas, calés, casa de hóspedes e pensões, etc, para o próximo ano.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Aos nossos assinantes de S. Paulo-Brasil

Mais uma vez informamos todos os nossos prezados assinantes em S. Paulo que quaisquer assuntos relativos a este jornal devem ser tratados com o nosso ilustre representante naquela cidade, Sr. Francisco Henriques Calçada, residente na Rua das Pelotas 557-Telefone 70-4799.

Caseiro

Precisa Augusto João Ferreira—Vale da Nogueira—Vila Facaia.

Em Figueiró toda a gente canta

Tripas c/ belo feijão, Pinga de caixão à cova, Bacalhau à João do Grão, Só na Casa Terranova.

Comidinha à Portuguesa, Toda a gente quer e prova, Bons peiscos, boa mesa, Só na Casa Terranova.

VENDE-SE

Alvará de mercearias e vinhos, com casa de pasto, bem como o seu recheio e mobiliário. Informa a Redacção deste jornal.

Drogaria

Trespassa-se ou vende-se o recheio nas melhores condições.

Furgoneta Fordson

Vende-se. Quem pretender, dirija-se a esta Redacção.

Vende-se Um bidon com a capacidade de 900, litros próprio para azeite. Informa esta Redacção.

CARREIRA DIARIA DE PASSAGEIROS

BOLO-LISBOA

Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionários **Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.ª**

Sede—FIGUEIRO DOS VINHOS—Telefone 42

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO		6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pera	6,20	6,15	Sacavém	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,26	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavém	14,20	14,20	Castanheira de Pera	17,20	17,20
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Efectua-se diariamente

Efectua-se diariamente

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Bolo	—	17,50
Bolo	5,55	—	Coentral	18,05	—

Efectua-se às sextas feiras

Efectua-se às quintas feiras

Carreira entre Campelo e Figueiró dos Vinhos

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Campelo	—	5,20	Figueiró dos Vinhos	—	17,00
Fontão Fundeiro	5,30	5,31	Barraca da B. Vista	17,10	17,10
Aldeia Fundeira	5,40	5,42	Várzea	17,16	17,17
Vilas de Pedro	5,47	5,48	Vila Facaia	17,22	17,24
Alto da Alagoa	5,58	5,58	Moleiros	17,27	17,27
Moleiros	6,03	6,03	Alto da Alagoa	17,32	17,32
Vila Facaia	6,06	6,08	Vilas de Pedro	17,42	17,43
Várzea	6,13	6,14	Aldeia Fundeira	17,48	17,50
Barraca da B. Vista	6,20	6,20	Fontão Fundeiro	17,59	18,00
Figueiró dos Vinhos	6,30	—	Campelo	18,10	—

Efectuam-se às 4.ª feiras e sábados

Estacionamentos | Campelo—Largo José Ferreira de Amaral (L. da Igreja)
F. dos Vinhos—R. Dr. Manuel Simões Barreiros
Garagem em Lisboa—Auto Liz—Rua da Palma N.º 263—Tel. 21363

Auto-Reparadora Figueiroense de

José Telhada de Assunção

Devidamente apetrechada com Soldadura a Autogénio e Electrogénio, encarrega-se de todas as reparações em Autos ligeiros ou pesados, com a maior perfeição e a preços módicos.

Serviço Permanente

Possui para venda Motores para Regas e para Serviços Industriais, das melhores marcas e a preços os mais acessíveis.

R. MAJOR NEUTEL DE ABREU TEL. 53

Companhia de Seguros COMERCIO E INDUSTRIA

Sede em Lisboa — R. dos Sapateiros, 22

Capital e Fundos de Reserva—47 mil contos

Sinistros pagos — 122 mil contos

Seguros em todos os Ramos

Agente em — Figueiró dos Vinhos

JOÃO GODINHO ROCHA

JOSÉ DA SILVA NEVES

Encadernador — Dourador

Venda Nova - Tomar

Executa com perfeição, rapidez e bom gosto todos os trabalhos respeitantes à sua arte

Orçamentos Grátis

Dirija-se para todos os esclarecimentos à

TIPOGRAFIA FIGUEIROENSE

Figueiró dos Vinhos

TERRABELA-HOTEL

Um dos melhores da Provincia

Instalações Modernas

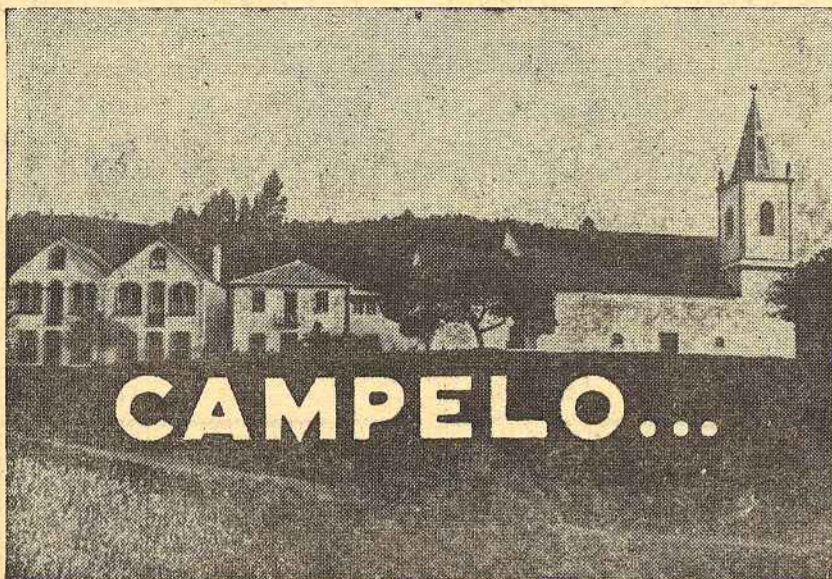
óptimos serviços de:

Bar-Café-Restaurante

Serviços de Casamentos e Baptizados
Preços especiais

BILHARES

Figueiró dos Vinhos



CAMPELO...

Do alto da serra... assim vimos a Região

(Conclusão do número anterior)

Olhamos, agora deste local, a vila do Espinhal. Fica para lá das *Relvas*, em baixo, e vê-se alvejar o casario, rodeado de hortas, pomares e olivais. Muito mais distante e para lá, julgamos ver o luzir da parte alta da cidade de Coimbra. Mais para cá, avista-se Penela e Miranda do Corvo. E quantas aldeias não vemos, mas sabemos existirem sob o manto azul deste céu, por detrás de serras e montes... até aqui perto, nas *Serrinhas*!

Viramo nos agora para a nossa região. Ela, delimitada por duas extensas cadeias de montanhas com numerosas ramificações: uma, a deste lado, partindo do Trevim, na «Catraia», marca o limite entre as regiões da Louzã, Campelo, Espinhal, Aguda Figueiró dos Vinhos, etc.; a outra, partindo do mesmo ponto em referência, é do outro lado, a linha divisória das regiões da Louzã e de Campelo, ao norte, Castanheira de Pera a nascente de Campelo, e de Figueiró dos Vinhos, ao sul. Por alturas do Trevim, as duas cadeias de montanhas começam a afastar-se uma da outra e tomam como que a forma de um gigantesco V, com vértice virado ao norte e assente na «serra da Catraia» ou, mais propriamente, da Louzã.

A região de Campelo preenche literalmente a parte interna desse adornado V, até por alturas do Poço Negro, da Silveira, do Moínho da Ribeira, região da Agria, Bairrão, etc.

Deste maciço montanhoso apenas conseguimos avistar as seguintes povoações da região de Campelo: Alge, Eiras, Ponte Fundeira, Trespostos, Peralcovo, Campelinho, Casal do Vale da Corça e, só parcialmente, Campelo. Mas eis o nome de algumas das que não avistamos: Singral Cimeiro, Singral Fundeiro, Searas, Molhas, Ribeira Velha, Póvoa, Vilas de Pedro, Aldeia Fundeira, Vale do Vicente, Castelo, Vale da Lameira, Corticinhos, Fontão Fundeiro, Fontão Cimeiro, Porto de Oliveira, Toigal... Como se vê, são muitas as povoações da freguesia de Campelo.

A estrada municipal vinda de Figueiró dos Vinhos também se deixa ver, ora sobressaindo nas encostas, ora descendo do lombo das serras. E que pena causa ainda não passar junto deste «alto de Peralcovo», a «lendaria estrada», sulcando estes montes para Figueiró dos Vinhos e Castanheira de Pera! Está adormecida, repetimos, a meia dúzia de quilómetros deste local, na *Serrinha*?... e não há quem a desperte?... Dali, para Alge, seria um pulo — uma dezena de quilómetros mais...

E que bem ela ficaria, através destas serranias, encostas e vales, a embelazar a paisagem, a reduzir a um terço a distância para Coimbra, a servir uma melhor exploração do solo e a conseqüente valorização económica de inúmeras povoações... Mais, ainda: a proporcionar certo e relativo bem-estar aos habitantes de muitas aldeias, a tornar possível a arborização destas serras e o aproveitamento e exploração económica de toda a considerável riqueza florestal de que, em pinhais, a região de Campelo é detentora.

O' almejada estrada! acorda e vem depressa para esta região que, ansiosa, te espera. Só tu poderás fazer mais felizes, ricas e prósperas as terras e aldeias que daqui são. Olha, não te esqueças — diz, afinal, se vens ou não!...

* * *

No cume desta montanha, e ainda cheios de emoção, julgamos sentir que, lá em baixo, na amenidade dos vales — onde há aldeias e luxuriante vegetação —, se desprende de cada folha de árvore, que ali frondeja, um som de divina música e mística poesia. Com este pensamento, vamos deixar estes montes e seguir para lá.

Descemos. Caminhamos já ao fundo do extenso vale de Peralcovo, perto da Ponte Fundeira e do lado de cá dos Trespostos. A' medida que caminhamos, vamos lançando o olhar em redor e surpreende-nos o admirável espectáculo do desfilar e apontar ao céu das silhuetas altivas das montanhas, que parecem querer significar aqui, aos mortais, que

(Continua na 2.ª página)

O dia da Mocidade

Voltou o país a comemorar a restauração da sua independência no passado dia 1 de Dezembro. Como sempre, as solenidades realizadas informaram todas do são portuguesismo que representa essa data e do esforço então empreendido pela sua mocidade para restaurar a dignidade e a independência da Pátria.

A três séculos de distância a compreensão dos povos vizinhos na mesma Península cimentou-se em laços de estima e de amizade.

Uniram-se algumas vezes os seus próprios exércitos na defesa sagrada dos mesmos destinos. Compreenderam-se os homens aceitando a coexistência de vidas semelhantes na vida de duas pátrias irmãs. Mas esta data há-de ter sempre para nós o sentido profundo do valor e esforço da nossa mocidade e do que ela influiu nos destinos históricos da nação.

Esse valor, que é timbre orgulhoso da raça, essa exaltação que fizemos da juventude, revivem latentes naquele feito português como fontes de legítimo orgulho, de liberdade e de independência.

O dia da Mocidade é, assim partindo do exemplo de 1640 e do patriotismo vigoroso que o sublinha, a consagração das virtudes maiores da Raça, a razão de ser dum povo livre que traçou os caminhos do Mundo e cumpriu uma missão civilizadora.

São hoje diferentes, embora irmanados no mesmo ideal os sentimentos das duas pátrias. O invasor hoje é outro, não de Portugal mas do Ocidente, não dos destinos duma pátria mas de toda uma civilização.

Publicações Recebidas

Mensário das Casas do Povo

Revista de autêntica e saudável cultura popular, o «Mensário das Casas do Povo» é já hoje uma presença indispensável nas mesas de trabalho de quem se interessa pelos problemas rurais e nas bibliotecas e arquivos de todo o país. Acaba de vir a lume o n.º 101 desta publicação a muitos títulos louvável. E mais uma vez assinalamos, com prazer, a sua chegada, bem como a pontualidade que a distingue. O número a que nos referimos — e diz respeito ao mês de Novembro — vem, como habitualmente, recheado de assuntos de interesse. Eis alguns, ao acaso: «As bibliotecas paroquiais no Plano de Educação Popular», pelo Padre Baptista Fernandes; a «Educação familiar na Idade Média», com o tema de «Meditação para as Casas do Povo», «Educar a mulher para a família», oportuno artigo da autoria de Adriana Rodrigues; «A decadência dos ofícios», vista por Galiano Tavaré; «Bonecos de Estremoz» — uma bela crónica das feiras alentejanas, escrita por João Falcao, «Como proceder com achados arqueológicos», úteis e instrutivos conselhos dados por Abel Viana; e ainda numerosos outros artigos e secções de muito valor documental, sem esquecermos «A Vida das Casas do Povo».

A PALAVRA DE PORTUGAL

Salazar falou no dia 30, na Assembleia Nacional, sobre o caso de Goa. E a sua voz serena, o seu raciocínio claro, a sua hermenêutica perfeita, a sua Razão, deram às palavras que proferiu um especial significado que se identifica perfeitamente com a consciência nacional. Por isso, na voz de Salazar, falou Portugal: um país velho de oito séculos, mas novo nas suas virtualidades, firme nos seus direitos, exemplo entre os outros Estados na defesa dos princípios que são expoentes da civilização ocidental.

Ao ter a certeza de que o Chefe do Governo responde a tão altas responsabilidades de um povo e de um hora grave, como há 26 anos vem sucedendo, o povo português não pode deixar de prestar justa e sincera homenagem a Salazar e de lhes reiterar a sua inabalável fé e confiança na política que tem conduzido em relação à Índia.

Dividindo o seu notabilíssimo discurso em capítulos, o Presidente do Conselho analisou todos os aspectos do problema completando assim o conteúdo das exposições anteriormente feitas sobre o assunto.

Começou por falar de Goa e a União Indiana, rebatendo os falsos argumentos da propaganda da União, que nem tem fundamento geográfico nem histórico nem racial nem cultural, pois «nunca a geografia legitimou direitos soberanos, nem, mesmo como é claramente visível, na Península do Indostão»; nunca a qualquer político, por mais ousado, surgiu a ideia de fazer retroceder a história às primeiras raças dominadoras para nelas fillar Estados modernos, pois isso levaria praticamente à subversão política do Mundo; nunca os goeses espalhados por vários países ou residentes na Índia Portuguesa se mostraram francamente partidários da integração na União. E' que «Goa constitui, de facto, uma unidade cultural, linguística, racial, diferenciada socialmente da União Indiana pela sua ocidentalização; e essas características diferenciais têm de ser respeitadas e mantidas».

«São sempre os factos históricos e não a configuração geográfica que definem fronteiras, estabelecem direitos, impõem soberanias, e este é o caso português da Índia». Eis porque «a questão de Goa não é de modo algum questão interna da União, mas questão de política externa, por contender com uma soberania legítima estrangeira, sempre reconhecida como tal e garantida por tratados internacionais».

A União Indiana apresenta-se ao Mundo como defensora do pacifismo, da neutralidade e da «não-violência», mas o certo é que, armando bandos, protegendo-os, impedindo que as autoridades portuguesas expulsem esses bandos dos enclaves sequestrados de Dadrá e Nagar-Aveli, desmente-se a si própria e às falsas teorias que apregoa.

E «desde que a União Indiana pretende constituir um elemento da sociedade internacional, já não são as suas abstrusas noções que ela pode impôr arbitrariamente ao Mundo, mas os conceitos e as normas de convivência dessa sociedade que é obrigada a seguir e a respeitar».

Tratando do caso de Goa perante o Mundo, Salazar evidenciou como todas as chancelarias e a opinião pública condenaram a atitude de Nova Delhi e acentuou que «o Governo da União Indiana comprometeu e desacreditou connosco o seu pacifismo e a sua política de «não violência».

Ora «a União Indiana não pode continuar a desafiar a consciência do Mundo mesmo que as vítimas dos seus actos de agressão sejam, na aparência,

Continua na 2.ª página